

RETRATO

Manoel de Andrade

Nesse galopar devorador, nessa sinistra voracidade e, malgrado tantos presságios, é imprescindível perseverar. Perseverar no encanto de sonhar e na imperecível beleza da vida. E por isso os poetas cantam. Cantam para que, nesse melancólico impasse, o pânico não retarde a primavera, cantam para anunciar que há uma imensa luz no fim do túnel e que, frente a qualquer flagelo, o amor é invencível.

Outrora
outro era o mar
o grande mar da infância...
tinhas aquela água imensa para salgar tua inocência
o horizonte incendiado pelo fogo das auroras
e as manhãs de espumas, conchas, redes e gaivotas.
Tinhas os crepúsculos de verão para extasiar tuas retinas
e no caminho rútilo dos pirilampos
tinhas a dança luminosa de um farol
e a lua flutuando no plácido espelho das águas.

Na voz submersa de um tempo inumerável
o mar te ensinou a mágica leitura do infinito.
No seu murmúrio ouviste o eco de todas as origens,
na linguagem das ondas e das tormentas,
na força das correntes e nas grandes calmarias,
o mar te ensinou a sonoridade e o silêncio,
o encanto e a indomável magnitude dos movimentos.
Os pescadores te contaram de sua insondável beleza,
de passarelas de algas e corais
onde desfilam cores, formas e mistérios.
Te contaram histórias de tempestades e naufrágios,
de embarcações que se perderam,
de sobreviventes, órfãos e viúvas.
O mar te seduziu com o beijo incessante das espumas,
te acenou com o lampejo intermitente dos relâmpagos,
com o branco das velas que voltavam.
Encheu teu samburá de caramujos e mariscos,
teus lábios de sal, teus pés de areia
e tatuou em tua vida esta única saudade.
O mar te inundou com sua água imensa e horizontal
e, com suas imensuráveis distâncias,

deixou em teus passos um caminho aberto para todos os portos.

Teu coração enfim,
repleto como um dique,
era um relicário de rotas e promessas
e desde então em tua alma navegam todos os possíveis...

Desabrochavas a flor da adolescência
quando uma onda solitária escorreu teus passos
e a vida te levou para o planalto.
Não conhecias o exílio e a penumbra das cidades
onde piratas velozes manejam o vício e a lança.
Não conhecias os tentáculos da noite
nem as paisagens sitiadas pela sedução.
Sobrevives nestes mares e ilhas inquietantes,
te consolas com a foz dos ribeirões,
recrias aqui a tua praia, o teu manguezal
e um horizonte impossível.

Retornas ao teu mar, de quando em quando,
mas ele não é mais o teu mar de outrora.
Recordas um tempo de saudosas navegações,
de pescadores partindo pelas madrugadas
e do regresso das canoas trazidas pelo vento.
Um tempo em que as estações se sucediam em equilíbrio
e num céu de ozônio o sol te oferecia a carícia de uma luz imaculada.
Num tempo em que o petróleo ainda não boiava sobre as águas
e os rios não despejavam nos litorais sua agonia.
As redes chegavam pesadas e repletas
porque os radares ainda não cercavam os cardumes no teu mar.
Não conhecias o protesto das baleias suicidas,
nem os estertores dos pingüins betumizados.
Os arpões não tinham ainda sua infalível precisão,
os rios não choravam os seus mortos,
nem choravam os recifes os seus corais despedaçados.

No fundo e na superfície
teu pranto assiste agora a um funeral de vítimas.
Num tempo que se curva sob o peso dos pressentimentos,
teus punhos se fecham contra uma legião de predadores.

Eis o teu cálice...
tua indignação, teu suplício...
teu grito... como tantos
tua lágrima... como tantas.
Impotente, num mundo que se afoga, sobrevives...
Sobrevives...
na memória e no esquecimento...

Sobrevives...
quando te hospedas na infância...
Sobrevives...
porque um estuário de esperança te sobrepõe à realidade...
Sobrevives...
porque um território de sonho te preserva do naufrágio.

Curitiba, outubro de 2003

Este poema consta do livro Cantares, publicado por Escrituras, em 2007